



Corpo/Território: apontamentos, epistemologias, transgressões e saberes ancestrais

Weuler Pereira de Azara¹

Mestre (UDESC)

 <https://orcid.org/0009-0001-6722-2877>

Recebido em: 23/01/2025

Aprovado em: 21/02/2025

RESUMO

Nos últimos anos, os povos indígenas, negros e LGBTQIA+ no Brasil enfrentaram intensos ataques e violência, exacerbados pelos governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro. Durante este período, o racismo e a marginalização se intensificaram, levando a um aumento significativo de violência contra essas comunidades. Dados do Conselho Indigenista Missionário mostram que mais de 790 indígenas foram mortos entre 2016 e 2021, com o ano de 2020 sendo o mais violento. Além disso, a violência policial contra a população negra aumentou, evidenciando a continuidade do racismo estrutural. O corpo, para esses grupos, não é apenas físico, mas também um território carregado de saberes e ancestralidades. O colonialismo e o racismo desconsideram esses saberes, marginalizando as contribuições dessas comunidades. É crucial trazer esses saberes para o debate acadêmico e político, permitindo que essas comunidades tenham um papel ativo na construção de um futuro mais equitativo.

¹ Mestre em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC Email para contato: weulerazara@gmail.com.



PALAVRAS-CHAVE

Corpo-Território; Indígenas; Políticas.

Introdução

Indígenas, homens e mulheres pretos, LGBTQIA+, e todas as parcelas marginalizadas pela colonialidade sofrem diariamente, na pele e na carne, as ações do racismo e do preconceito. Os últimos anos de [des]governo Bolsonaro somados aos dois anos seguintes ao golpe sofrido pela então presidenta Dilma Rousseff, ficaram marcados como um dos períodos mais violentos desde a redemocratização brasileira. Dados levantados pelo Relatório de Violência Contra os Povos Indígenas elaborado pelo Conselho Indigenista Missionário CIMI, apontam que entre os anos de 2016 e 2021, mais de 790 indígenas perderam a vida. Este período contempla também os dois anos de [des]governo golpista Temer e os 3 primeiros anos de Bolsonaro. Na série de dados levantados pelo CIMI², 2020 o ano de passar a boiada³ figura como o mais sanguinário

² CIMI. Relatório Violência contra os Povos Indígenas no Brasil: 2003 - 2021. 2003 - 2021. 2022.

Disponível em: <https://cimi.org.br/observatorio-da-violencia/edicoes-anteriores/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

³ Em abril de 2020 o então ministro do meio ambiente Ricardo Salles disse em reunião “vamos aproveitar enquanto só se fala em covid para passar a boiada”. Fonte disponível em:



desde o início da série histórica de dados coletados pelo relatório com 182 mortes. Somados, os trágicos 6 anos de [des]governo da direita brasileira ultrapassaram as mortes relatadas entre 2003 e 2015.

Certamente um governo marcado pela violência direcionada aos povos originários também será marcado pelas ações violentas e racistas contra a população negra brasileira. O Barômetro de Alerta Sobre a Situação dos Direitos Humanos no Brasil, publicado pela Coalizão Solidariedade Brasil, aponta que nos dois primeiros anos de Bolsonaro os números de assassinatos de negros no Brasil subiram. A publicação aponta que a violência policial figura como uma das principais causas dessas mortes e que 79% das pessoas mortas em 2019 pela polícia são negras. Podemos observar que os corpos que estão em evidência quanto o assunto é violência e negligência por parte governamental são os mesmos, Indígenas e afrodescendentes. Além disso, o racismo estrutural, velado e direto aparece como arma principal na ação violenta em que estes sujeitos estão submetidos. Quanto a essa violência, podemos nos aproximar do que Achille Mbembe (2016)⁴, denomina de necropolítica, o autor aponta que as estruturas coloniais ainda incidentes e impostas na sociedade atual moderna decidem quem pode/deve morrer, isto visando a total eliminação ou extermínio de um certo povo/grupo. O autor se apoia ideia

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-defende-passar-a-boiada-e-mudar-regramento-e-simplificar-normas.ghtml>.

⁴ MBEMBE, Achille. *Necropolítica, biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. Arte & Ensaios. Rio de Janeiro, v. [S.I.], nº 32, 2016, p.122-151.



foucaultiana de biopoder exemplificando que o racismo se torna uma chave fundamental para se exercer o direito de matar, segundo o autor:

Com efeito, em termos foucaultianos, racismo é acima de tudo uma tecnologia destinada a permitir o exercício do biopoder, “aquele velho direito soberano de morte”. Na economia do biopoder, a função do racismo é regular a distribuição de morte e tornar possível as funções assassinas do Estado. Segundo Foucault, essa é a “condição para a aceitabilidade do fazer morrer”⁵

Estes corpos atravessados pelo racismo transitam em meio a diversas adversidades e precisam criar estratégias para manterem suas vidas e perpetuarem suas lutas.

Sonhamos com os corpos territórios biomas protegidos com políticas públicas construídas por nossas vozes, falas e escritas. Construimos a partir das falas de muitas de nós: “Nada sobre nós, sem nós”. Nossa luta é para além de ter corpo território protegido e território indígena demarcado, é para sempre pautar o reflorestar mentes com toda a sociedade.⁶

Buscarei ao longo deste trabalho apresentar algumas possibilidades de diálogo com saberes tradicionais e sujeitos marginalizados pela sociedade, a fim de construir possibilidades epistemológicas capazes de serem utilizadas e discutidas em pautas de políticas públicas ou pesquisas acadêmicas. Para isto começaremos traçando aproximações

⁵ Mbembe, 2016, p. 128.

⁶ AURORA, B.. *Participação Indígena em Eleições, Desafio Técnico e Política no Processo Eleitoral Brasileiro de 2022*. 1. ed. Rio de Janeiro: LACED, Laboratório de Pesquisas em Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento, 2022. v. 1. p. 224.



das diferentes visões de corpos, sabedorias e ancestralidades observadas em produções múltiplas acerca do tema.

O corpo carrega em suas veias, em sua carne e ossos suas histórias e as histórias dos seus antepassados. O corpo fala, o corpo dança, o corpo se movimenta e nesse movimento espalha e dissemina saberes e conhecimentos. Em “A Ciência Encantada das Macumbas” Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2019) apontam que:

O corpo objetificado, desencantado, como pretendido pelo colonialismo, dribla e golpeia a lógica dominante. A partir de suas potências, sabedorias encarnadas nos esquemas corporais, recriam-se mundos e encantam-se as mais variadas formas de vida. Essa dinâmica só é possível por meio do corpo, suporte de saber e memória, que nos ritos reinventa a vida e ressalta suas potências⁷.

O projeto violento aplicado é herança da colonização que até os dias de hoje deixam marcas em nossa sociedade, a colonialidade é percebida e vivida no dia-a-dia da população não branca, para Aníbal Quijano (2009), a colonialidade classifica racial e etnicamente a população se apresentando como um dos pilares da manutenção do capitalismo.

A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista. Sustenta-se na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do referido padrão de poder e opera em cada um dos planos, meios e dimensões, materiais e subjectivos, da existência social quotidiana e da escala societal⁸.

⁷ SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Mórula editorial, 2019, 124p.

⁸ QUIJANO, A. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, B. de S. e MENEZES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009, p.73- 117



Este corpo que resiste e persiste à ação do colonialismo transita e permeia os mais diversos ambientes. Este corpo fala, este corpo canta, este corpo ensina, este corpo violentado luta.

Antes de mais nada, e para o melhor entendimento deste trabalho será necessário compreender outras visões de corpo. Não somente o corpo carnal biológico que conhecemos e possuímos. Corpo pode e deve ser entendido como território e este território apresenta-se como múltiplo, diverso e nem sempre se limita ou se demarca em uma porção espacial e/ou temporal. Em novembro de 2022 durante sua apresentação na abertura do Primeiro Seminário das Originárias da Terra – O futuro que queremos, organizado e realizado pela Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA), Sônia Guajajara aponta que não há como dissociar o corpo da terra e da natureza. Para a atual ministra dos povos indígenas, o corpo se funde ao território não sendo possível uma separação:

Porque nós na primeira marcha das mulheres, nos já afirmamos que corpo território e espírito, um só. Território nosso corpo, nosso espírito, um só, não tem como separar. Então quando desmata nossos territórios, quando desmatam nosso meio ambiente estão desmatando também o nosso próprio corpo. Quando queimam as nossas árvores tão queimando também o nosso corpo. Nosso corpo sangra junto com todas essas injustiças, com toda violência com toda essa destruição da mãe terra. Que a qualquer custo eles tentam legalizar⁹.

⁹ GUAJAJARA, Sônia. *Primeiro Seminário das Originárias da Terra*. [S. l.]:



Pensar esta ideia de corpo como território trazida por Sonia, nos proporciona um campo infinito de possibilidades. Este território que sofre ataques contundentes fala e denuncia as intercorrências da colonialidade. Linda Smith aponta que a experiência do passado colonial é denunciada no discurso político da população indígena. A autora nos conta que o colonialismo não contempla história indígena e que eles por vezes são desautorizados a contar suas próprias narrativas, segundo a autora, as escolhas epistemológicas da academia ocidental desvalorizam saberes tradicionais. Estas marcas do imperialismo e deste passado colonial latente ainda persiste no cotidiano desses povos:

Falar a respeito do passado colonial faz parte do nosso discurso político, do nosso humor, da nossa poesia da nossa música, dos nossos relatos e de outras formas, em um sentido comum, de transmitir ao mesmo tempo a narrativa da história e uma atitude em relação a esta. As experiências vividas sobre o imperialismo e o colonialismo conferem outra dimensão aos sentidos pelos quais palavras como “imperialismo” podem ser compreendidas. Trata-se de uma dimensão que os povos indígenas conhecem e compreendem bem¹⁰.

Corpos indígenas, corpos negros em diáspora. Estes corpos/territórios estão em evidência e sob constante ataque. Corpos que precisam de proteção e de criar estratégias para sobreviverem mais um dia. O Babalorixá Eugênio Rodney William aponta que os corpos negros que sofrem com o racismo e a violência encontram no terreiro de candomblé um lugar de resistência, proteção e de preservação de suas culturas e sabedorias, segundo

ANMIGA Brasil/, [2022]. 1 vídeo (109 min:30 seg). Disponível em:

https://www.instagram.com/tv/CjtfC73hyy_/?igshid=YmMyMTA2M2Y=. Acesso em: 18 out.2022.

¹⁰ Smith, 2018, p. 32.



ele “Mais do que a religião dos orixás, o Candomblé traz um legado de preservação cultural e uma história de luta e resistência, que usou todos os recursos que dispunha para escamotear seus ritos e mantê-los apesar de toda perseguição”¹¹.

Como podemos articular estes locais de resistência apresentados por Eugênio com os corpos destes que o frequentam? Em Simas E Rufino (2019) conhecemos a noção de que cada corpo carrega em si seu próprio terreiro. Os autores apontam que o corpo que fora atravessado pelo atlântico carrega em si toda sua ancestralidade e seus saberes originários.

Pensar o corpo como terreiro parte da consideração que o mesmo é assentamento de saberes e é devidamente encantado. O corpo codificado como terreiro é aquele que é cruzado por práticas de saber que o talham, o banham, o envolvem, o vestem e o deitam em conhecimentos pertencentes a outras gramáticas. Tais ritos vigoram esses corpos os potencializando ao ponto que os saberes assentados nesses suportes corporais, ao serem devidamente acionados, reinventam as possibilidades de ser/estar/praticar/encantar o mundo enquanto terreiro¹².

O que os corpos indígenas e os corpos negros carregam em comum? Onde podemos pensar nos pontos de aproximação destes dois corpos/territórios? A ancestralidade aparece como uma perspectiva, nessa perspectiva os saberes tradicionais são, por muitas vezes, ignorados e deixados de lado. Maria Antonieta Antonacci, ao

¹¹ EUGÊNIO, Rodnei William. *A memória ancestral de pai Pérsio de Xangô: expansão e consolidação do Candomblé paulista*. Programa de Estudos Pós Graduação de Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/22287>. Acesso em: 18 de out. 2022.

¹² Simas; Rufino, 2019, p. 50.



abordar a ancestralidade e a transmissão de saberes aponta a importância do corpo na comunicação oral. Como dito anteriormente, estes corpos compartilham sabedorias e as ensinam. Segundo Antonacci (2015):

[...] em poéticas e políticas orais o corpo fala, não só porque a voz emana do corpo, que emite sons, ritmos, sinais, pulsações, mas porque a memória oral faz do corpo seu suporte. Torna-se possível dizer que o corpo se constitui em texto, por onde transitam experiências e narrativas encarnadas, com práticas corporais mentalizadas e imersas na subjetividade e história de corpos comunitários¹³.

Este corpo agora é visto como texto, como responsável por transmitir conhecimento, este corpo é detentor de sabedorias. Aqui nos encontramos em uma encruzilhada, e no sentido de encruzilhada como um espaço de sabedorias, temos um vasto campo de possibilidades. O corpo fundido a natureza se aproxima do corpo território que encontra no terreiro um local de resistência e um refúgio para sua proteção. “Por mais que o colonialismo tenha nos submetido ao dismantelo cognitivo, à desordem das memórias, à quebra das pertencas e ao trauma, hoje somos herdeiros daqueles que se reconstruíram a partir de seus cacos”¹⁴. Este corpo preserva suas raízes e cuida de seus próprios territórios. Este corpo transmite saberes e esses saberes muitas vezes são ignorados mesmo quando aliados a conhecimentos acadêmicos ocidentais como o exemplo que trarei a seguir.

¹³ ANTONACCI, Maria Antonieta. *Memórias ancoradas em corpos negros*. 2ª ed. São Paulo: Educ, 2015, p. 62.

¹⁴ Simas; Rufino, 2019, p. 13.



Quando este corpo se funde a conhecimentos acadêmicos observamos também que as dificuldades em se valer de seus saberes também encontram dificuldades. No minidocumentário “Conversa com Kerexú”¹⁵ produzido em 2016, a então liderança da Terra indígena Guarani Mbya do morro dos cavalos, Kerexu Yxapiry, aponta que mesmo após criar projetos e apresentá-los aos órgãos competentes do Estado seu projeto de reflorestamento retirada dos pinus, plantas não nativas, das suas terras foi, por várias vezes, adiada por denúncias ao IBAMA. Essas denúncias explicitaram que não seria possível que a liderança pudesse ser capaz de encabeçar tal projeto. Kerexu é formada pela licenciatura intercultural da mata atlântica, oferecida pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e sua especialização é justamente em gestão ambiental. Durante a conversa de pouco mais de 15 minutos Kerexu explica que optou por transitar entre a academia e a aldeia justamente para poder ressignificar leis e outros arcabouços em promoção das reivindicações de seus parentes e principalmente para conseguir forças pela homologação de suas terras¹⁶.

O que eu pude ver dessa experiencia é que a partir do trabalho científico da academia, serviu também para mostrar para as pessoas de fora que a eles não cumprem a própria lei né que é escrita por eles. então isso aí pra mim me deu

¹⁵ Conversa com Kerexú Yxapiry. Direção de Weuler Pereira de Azara. Produção de Weuler Pereira de Azara. Florianópolis/SC: Produção Independente, 2018. (14 min.), color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JphT4-QAqwM&t=55s>. Acesso em: 12 mar. 2022.

¹⁶ A TI Morro dos Cavalos situada no município de Palhoça - SC aguarda sua homologação desde 2008. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/sc/sala-de-imprensa/noticias-sc/ti-morro-dos-cavalos-uma-historia-de-resistencia-guarani>.



uma força muito grande na época assim de lutar, principalmente pela questão ambiental aqui dentro da terra indígena porque era uma coisa uma coisa que eu achava ser muito contraditória. quando eu fui tirar os pinos da terra indígena, por exemplo, ser denunciada proibam por desmatamento e a gente vê né que é tão claro assim quantas invasões e desmatamentos né? Pessoal Entra tratorando todo de destruindo, mudando as montanhas planando tudo né e ninguém é punido por isso e aí eu vou tirar os pinus então foi denunciada. então pra mim assim foi naquele momento que eu disse tá como é legal fazer uma faculdade dizer pro branco dessas instituições que isso é para ele seguir e que ele está fazendo totalmente contrário¹⁷.

Seus saberes adquiridos na academia não foram suficientes para barrar as denúncias que Kerexu sofreu durante seu processo. O racismo imbricado nessa situação e o descrédito de seu trabalho remontam o projeto colonial de não se validar conhecimentos outros, principalmente os advindos das comunidades originárias, terreiros e quilombos. Podemos afirmar que este corpo sofre com a violência experimentada, não só pela degradação da natureza e pelas reminiscências da ação colonial, mas também é açoitado pela marginalização de saberes que fogem ao cânone.

Davi Kopenawa em “A queda do céu” aponta que a ganância dos que ele denomina como “povo da mercadoria”, avança e suas cobiças destroem o caminho que passam. Kopenawa cita que essa gana pela devastação e acumulação de capital causará o caos e seu diagnóstico é enfático: “Temo que sua excitação pela mercadoria não tenha fim e eles acabem enredados nela até o caos. Já começaram há tempos a matar uns aos outros

¹⁷ Azara, 2018.



por dinheiro em suas cidades e a brigar por minérios ou petróleo que arrancam do chão”¹⁸.

Não é possível pensar em um futuro decente sem que nossa natureza, a mãe terra seja preservada. Qual futuro queremos? O tema da primeira mesa do primeiro seminário das Mulheres Originárias da Terra é um questionamento a toda essa atrocidade vivida pelos povos indígenas. Ailton Krenak em “Ideias Para Adiar o Fim do Mundo” (2019) conta que o que estamos vivendo hoje é fruto de um projeto que estrutura a base da história do Brasil:

O que está na base da história do nosso país, que continua a ser incapaz de acolher os seus habitantes originais — sempre recorrendo a práticas desumanas para promover mudanças em formas de vida que essas populações conseguiram manter por muito tempo, mesmo sob o ataque feroz das forças coloniais, que até hoje sobrevivem na mentalidade cotidiana de muitos brasileiros —, é a ideia de que os índios deveriam estar contribuindo para o sucesso de um projeto de exaustão da natureza¹⁹.

Como apontado anteriormente, corpo e território não se desassociam e este corpo está em evidência e pede socorro. Como então nos apoiar e chamar para o diálogo esses detentores de sabedoria ancestral? Como seria possível dialogar com esses saberes e trazê-los para essa encruzilhada de possibilidades? Poderíamos, como prática e como epistemologia, nos apoiar na transgressão que Simas e Rufino propõem? Os autores apontam que é fundamental transgredir ao cânone e não necessariamente jogá-lo fora

¹⁸ KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Editora Companhia das Letras, 2019, p. 419.

¹⁹ KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Editora Companhia das Letras. 2019, p. 21.



“Transgredi-lo não é negá-lo, mas sim encantá-lo cruzando-o a outras perspectivas. Em outras palavras, é cuspi-lo na encruza”²⁰.

A ideia então construir e aplicar saberes outros e múltiplos como epistemologias e possibilidades para a discussão de um novo horizonte epistemológico. Resignificar e encantar esse chão que há muito tempo é testemunha da violenta ação colonial. É chegar na encruzilhada e entende-la em campos de possibilidade:

Se o projeto colonial construiu uma igreja para cada população dizimada, nós encantamos o chão dando de comer a ele, louvamos as matas, rios e mares, invocamos nossos antepassados para a lida cotidiana e nos encantamos para dobrar a morte. Em cada esquina da cidade em que se gargalha, se bebe e se versa um samba, haverá de se ajuremar um malandro e se transformar as encruzilhadas em campos de possibilidade²¹.

Talvez trazer saberes ancestrais para dentro de nossas produções faça com que estes que os portam sejam mais valorizados e, aos poucos, tenham suas produções validadas e aceitas. Certamente casos como o de Kerexú não aconteceriam e em uma outra ótica nesta construção de narrativas abriríamos espaços e imensas possibilidades. Abrir-se para este encontro só é possível quando compreendemos que a noção de corpo/território de Sônia Guajajara, juntamente com o corpo/terreiro de Simas e Rufino se consolidam como locais de resistência e de construção de saberes. Esta encruzilhada possibilita trazer para o debate epistemológico o ponto mais forte desta roda de saberes, a ancestralidade.

²⁰ Simas; Rufino, 2019, p. 19.

²¹ Simas; Rufino, 2019, p. 12.



Ancestralidade essa que rege todas as experiências trazidas aqui e que conecta corpos, saberes, cabeças e mentes.